

# Olhares cruzados sobre o ecofeminismo

## *Some perspectives on ecofeminism*

MARIA LUÍSA RIBEIRO FERREIRA\*

### Abstract

The main subject of this text is care for the Earth, stressing the ecofeminist perspective. In his *Laudato Si'* Pope Francis does not mention the role of women but there is a considerable number of feminist literature on this subject. As representatives of the contribution given by women philosophers and theologians, we chose Vandana Shiva in the cultural sphere, Sallie Mc Fague in theology and Alicea Puleo in socio-politics.

**Keywords:** Feminist Theologies; Ecofeminism; Biodiversity; Theology, Ecology and Christology; Environmental Citizenship and Ecological Citizenship; Subsistence.

### Resumo

O presente texto debruça-se sobre o cuidado da Terra, centrando-se na perspetiva ecofeminista. Constatando o silêncio da Encíclica *Laudato Si'* no que respeita ao trabalho desenvolvido pelas mulheres nesta área, apresenta três figuras que muito contribuíram para o enriquecimento desta temática – Vandana Shiva enquanto representativa da vertente cultural, Sallie McFague na teologia e Alicea Puleo na sociopolítica.

---

\* Professora da Universidade de Lisboa, investigadora do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; <https://orcid.org/0000-0003-3355-8572>; [luisarife@sapo.pt](mailto:luisarife@sapo.pt).

**Palavras-chave:** Teologias feministas; Ecofeminismo; Biodiversidade; Relações entre Teologia, Ecologia e Cristologia; Cidadania ambiental e cidadania ecológica; Sustentabilidade.

### **Introdução: Quando as mulheres se debruçam sobre o cuidado da Terra**

Hoje o cuidado da Terra em que vivemos coloca-se como um imperativo ético que nos alerta para os efeitos perversos provocados pelo avanço da ciência e da técnica. O Papa Francisco foi uma das vozes que denunciou a degradação da nossa Casa Comum, bem como as falhas humanas no que respeita ao cuidado da Terra, pela qual somos responsáveis. A sua Encíclica *Laudato Si'* é um grito que nos convida a uma mudança de vida e que nos propõe um desenvolvimento sustentável, analisando a situação presente nas suas diferentes dimensões – económica, ética, ecológica e teológica. O apelo desta Carta é dirigido a todos os habitantes do planeta, independentemente das suas crenças, pois a humanidade tem de reconhecer a Terra como dádiva que nos foi feita e que nos interpela como cuidadores que devemos ser. Todos os seres criados são importantes, dado que, como consta no § 84 da Encíclica, «cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua». A degradação do ambiente decorrente da exploração abusiva dos meios terrestres é denunciada por Francisco como um pecado grave, e o capítulo IV deste documento, dedicado à ecologia integral, faz o cruzamento de diferentes dimensões – ambientais, económicas, sociais e culturais –, todas elas determinantes para a realização do bem comum. Ao terminar a Encíclica, o Papa propõe-nos uma mudança de vida, colocando o cuidado da Terra como norma orientadora da nossa relação com o ambiente e como fator determinante para o desenvolvimento de uma desejada espiritualidade ecológica.

O convite feito na *Laudato Si'* a um maior empenhamento na preservação do património terrestre, bem como a denúncia dos crimes que contra ele se cometeram, têm como alvo todo o povo de Deus, sem destaque feito a homens ou a mulheres. O presente texto irá dar uma especial

atenção à voz das mulheres, tomando como pano de fundo algumas posições determinantes do ecofeminismo, um movimento ético e político que denuncia e combate as agressões à ecologia, ao mesmo tempo que confere às mulheres um particular destaque, tomando-as como principais vítimas desta situação.

### 1. As vozes das mulheres

A temática dos ecofeminismos abre-nos para uma luta. As vozes das mulheres têm tido pouca aceitação. Na encíclica *Laudato Si'* elas estão ausentes, não lhes sendo dado qualquer destaque ou especificidade no modo como têm cuidado da natureza. A teóloga católica brasileira Ivone Gebara põe o dedo na ferida quanto à pouca importância atribuída às teologias feministas em instituições religiosas, escrevendo: «Nas Igrejas o feminismo tem pouca entrada. As teologias feministas não chegam a ser ensinadas com seriedade nas faculdades de teologia e não se reproduzem na comunidade dos fiéis.»<sup>1</sup> E, no entanto, ela própria tem textos que poderiam integrar-se na Encíclica papal, aproximando o nosso corpo ao corpo da Terra:

Falar da ressurreição dos corpos implica, nesse sentido, em falar da ressurreição do corpo da Terra. [...] Não somos o que somos sem a água, sem o ar, sem a complexidade das florestas. Não somos sem a Terra. Nosso corpo é também o corpo da Terra que morre e ressuscita a cada instante até que o derradeiro fim aconteça [...]. Somos terrícolas em primeiro lugar e esta Terra é nosso corpo, nosso alimento e nosso sonho. Por isso os processos salvíficos ou os processos de libertação não podem excluir o respeito aos ecossistemas.<sup>2</sup>

O presente texto toma como *leitmotiv* «não somos sem a Terra», tentando mostrar o modo como esta afirmação está presente em diferentes

---

<sup>1</sup> Ivone Gebara, *Mulheres, religião e poder* (S. Paulo: Terceira Via, 2017), 79.

<sup>2</sup> Gebara, *Mulheres, religião e poder*, 107.

defensoras do ecofeminismo. E deste movimento destacamos a indiana Vandana Shiva, enquanto representativa da vertente cultural, a americana Sallie McFague, defensora das vertentes espiritual e teológica, e a espanhola Alicia Puleo, em nome da vertente sociopolítica.

## 2. Os ecofeminismos – um tema silenciado na *Laudato Si'*?

A primeira vez que li a *Laudato Si'*, no ano em que foi publicada, fi-lo com um olhar despido de qualquer orientação, tomando-a como mais um tema do Papa Francisco que desta vez se preocupava com a natureza e com as atitudes que deveríamos ter para com ela. É um texto que nos convida a uma maior atenção à Terra, encarando esta numa perspectiva espiritual e mesmo mística. A minha participação no projeto do CITER – *Casa Comum e Novos Modos de Habitar Interculturalmente* – levou-me a tentar estabelecer uma relação entre o movimento ecofeminista e a Encíclica, uma tarefa que à primeira vista se afigurou difícil e mesmo forçada. Mas, à medida que ia aprofundando leituras, encontrava possíveis hipóteses de conciliação entre os diferentes ecofeminismos e o desafio do Papa Francisco, quanto a uma nova maneira de encarar a casa em que vivemos. E seguindo o preceito leibniziano de que tudo está em tudo – *tout se tient* – procurei estabelecer pontes entre a Encíclica e estes movimentos, verificando possíveis convergências. Aliás, o tema da Mulher aparece logo no início, quando a nossa Casa Comum é comparada a uma irmã com quem compartilhamos a existência e a uma mãe que nos acolhe nos seus braços: «Louvado sejas meu Senhor, cantava S. Francisco de Assis. Neste gracioso cântico recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar a uma irmã com quem partilhamos a existência, ou a uma boa mãe que nos acolhe nos seus braços.»<sup>3</sup>

Verificamos assim que o toque inicial é um apelo à mulher, reforçado pela lembrança das dores de parto que a Terra sofre: «[...] a nossa terra oprimida e devastada, geme e sofre as dores do parto»<sup>4</sup>. E toda a Encíclica

---

<sup>3</sup> Papa Francisco, *Carta Encíclica Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), § 1, 5.

<sup>4</sup> *Laudato Si'*, § 2, 5.

é perpassada pelo tema do cuidado, uma nota central nas diferentes teorias feministas, nomeadamente nas suas correntes mais recentes, como é o caso dos ecofeminismos, onde esse cuidado é orientado para a Terra, transferindo-se para a natureza essa vocação ancestral do cuidado.

### 3. O que entender por ecofeminismos?

Quando falamos de ecofeminismo devemos fazê-lo no plural, pois há uma grande diversidade de perspetivas quanto ao modo como entender o cuidado da natureza. O termo ecofeminismo foi usado pela primeira vez pela filósofa francesa Françoise d'Eaubonne, no seu livro *Le Féminisme ou la mort*<sup>5</sup>. Para esta autora todos os feminismos vão desembocar nas relações do cuidado com a natureza, pois, segundo ela, há uma mesma lógica de domínio que se tem feito sentir sobre a natureza e sobre as mulheres. E a luta contra esse domínio originou uma série de escritos de crítica e de combate. Daí usarmos o termo no plural – ecofeminismos – devido à multiplicidade de vozes que encerra, o que levou uma das suas fundadoras a classificar esta orientação como «uma aglomeração de ideias contraditórias»<sup>6</sup>. Na verdade, dentro desta corrente filosófica e política há muitas orientações diferentes, o que suscitou algumas críticas. Mas, na multiplicidade de vozes que se dizem partidárias do movimento ecofeminista, surgem pontos de convergência, como é o caso da identificação entre a opressão sobre as mulheres e a opressão sobre a natureza, a tese de que a teoria e a prática feministas conduzem a uma perspetiva ecológica e o desiderato de que as correntes ecológicas concedam um papel especial às mulheres no que respeita ao cuidado da natureza. Por isso aceitamos, como ponto de partida, a perspetiva de Janis Birkland, para quem:

O ecofeminismo é um sistema de valores, um movimento social e uma prática, mas também oferece uma análise política que explora as relações entre o androcentrismo e a destruição ambiental. É uma

---

<sup>5</sup> Françoise d'Eaubonne, *Le Féminisme ou la mort* (Paris: Pierre Horay, 1974).

<sup>6</sup> Janet Biehl, *Rethinking Ecofeminist Politics* (Boston: South End Press, 1991), 3.

consciência que começa com a compreensão de que a exploração da natureza está intimamente ligada com a atitude do homem ocidental para com as mulheres e as culturas tribais, ou, como diz Ariel Salleh, que há um paralelismo no pensamento dos homens entre o seu direito, por um lado, de explorar a natureza e, por outro, o uso que fazem das mulheres.<sup>7</sup>

Na impossibilidade de apresentar todas as filósofas defensoras do ecofeminismo, destacamos três figuras que consideramos pioneiras, mostrando o modo como as suas vozes se fizeram sentir em diferentes vertentes – cultural, teológica e sociopolítica.

#### 4. Vandana Shiva e a vertente cultural

Vandana Shiva, física atômica e filósofa, é representativa do terceiro mundo, mostrando a especificidade dos seus problemas ambientais<sup>8</sup>. Shiva abraçou a causa das aldeãs e agricultoras indianas, considerando-as como principais vítimas da homogeneização agrícola imposta pela nova ordem mundial, um facto que levou à colonização dos menos poderosos e abriu portas às empresas multinacionais e às grandes superpotências, destruindo e anulando a agricultura praticada nas pequenas comunidades, nomeadamente naquelas em que as mulheres tinham um papel determinante. As críticas desta filósofa têm como alvo a política do *catching up*, ou seja, a pretensão de que as sociedades economicamente mais fracas devem acertar o passo com os modelos predominantes no Ocidente. Ora a globalização e a aplicação de padrões ocidentais a sociedades do terceiro mundo teve como consequência um estatuto de pobreza para as economias de subsistência. Populações que se alimentavam de milho, que construíam as suas próprias casas com materiais locais e que fabricavam

---

<sup>7</sup> Janis Birkeland, «Ecofeminism: Linking Theory and Practice,» in *Ecofeminism: Women, Animals, Nature*, ed. Greta Gaard (Filadélfia: Temple University Press, 1993), 18.

<sup>8</sup> Lembramos para este tema as seguintes obras de Vandana Shiva. *Staying Alive: Women, Ecology and Survival* (Londres: Zed Books, 1989); Vandana Shiva e Maria Mies, *Ecofeminism* (New Jersey, Atlantic Highlands: Zed Books, 1993); trad. portuguesa *Ecofeminismo* (Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1993); Vandana Shiva, *Earth Democracy. Justice, Sustainability and Peace* (Cambridge, Massachusetts, 2005).

o seu vestuário próprio, foram desconsideradas em termos económicos e, conseqüentemente, abandonaram uma economia de subsistência, sendo empurradas para a pobreza.

Vandana Shiva alerta-nos para a nova religião que é o desenvolvimento e inicia uma luta em prol da diversidade, valorizando as sementes habitualmente usadas pelas mulheres indianas e lutando contra as sementes híbridas que as grandes companhias internacionais pretendiam fornecer aos camponeses. A cientista/filósofa denuncia os malefícios do desenvolvimento que se propaga como uma religião, na Índia e em países de fracos recursos. Em nome do desenvolvimento, as pessoas são deslocadas dos seus territórios, indo viver miseravelmente para bairros miseráveis. Os novos programas agrícolas impuseram as monoculturas, uma decisão que provocou fomes endémicas e carências nutritivas. Ora, para preservar a diversidade de culturas e de modos de vida, Shiva avança com diferentes estratégias.

A luta de Shiva é em prol da biodiversidade. O uso de fertilizantes químicos, imposto pelas grandes companhias de produtos agrícolas, anulou a *bahtva*, uma planta que nascia com o trigo e que tinha um valor nutritivo para as populações locais, privando-as de uma fonte alimentar importante. As monoculturas substituíram as pequenas plantações, geralmente a cargo de mulheres. Estas eram responsáveis pelas sementes que guardavam e trocavam entre si. Ao produzirem sementes híbridas, as multinacionais criaram patentes (como, por exemplo, a Monsanto), obrigando a uma compra constante de sementes novas. Shiva critica o uso de pesticidas que destroem os solos, matam a fauna e a flora, anulam a diversidade e impõem monoculturas.

Vandana Shiva considera que as mulheres indianas estão perto do conceito de Vida e que as sementes que defendem se revestem de uma carga sagrada. O conceito de Mãe Índia foi uma fonte de união contra os colonizadores. Por isso escreve:

Partilhamos uma grande parte da crítica dirigida ao paradigma ocidental de desenvolvimento; rejeitamos os processos de

homogeneização resultantes do mercado mundial e dos processos de produção capitalista. Criticamos também a divisão dualista entre superestrutura ou cultura e economia ou base. Do nosso ponto de vista, a preservação da diversidade de formas de vida na Terra e das culturas das sociedades humanas é uma pré-condição para a manutenção da vida neste planeta.<sup>9</sup>

A luta empreendida por esta cientista indiana contra as multinacionais estrangeiras decorreu num terreno cultural, processando-se essencialmente em três frentes – a salvaguarda da diversidade das sementes; o ensino de métodos agrícolas que prescindam de produtos químicos; a oposição a leis que implementem o uso de sementes híbridas. A sua atuação foi determinante no apelo à resistência pacífica, na defesa das economias locais e na visibilidade dada às mulheres do terceiro mundo.

### 5. Sallie McFague e a vertente teológica

Fui levada ao pensamento desta teóloga pela mão de Teresa Toldy, que a cita muitas vezes. E também pelo facto de McFague falar do corpo de Deus, algo que hipoteticamente a poderia ligar a Bento Espinosa, um filósofo a quem tenho dedicado grande parte da minha investigação (de facto, McFague nunca se lhe refere, mas há algumas aproximações possíveis). Circunscrevo-me ao livro de McFague *The Body of God*, onde a teóloga feminista nos apresenta uma agenda planetária, ou seja, um programa de interpretação e de ação para o nosso tempo, construído no cruzamento da filosofia, da ecologia e da teologia<sup>10</sup>.

McFague critica os modelos androcêntricos da divindade, muito comuns na tradição cristã, e defende uma teologia incorporada que procura conciliar feminismo, ecologia e cristologia. Para ela o cristianismo é uma religião do corpo, sendo a Encarnação uma das suas verdades

---

<sup>9</sup> Shiva, *Ecofeminismo*, 22.

<sup>10</sup> Cf. Sallie McFague, *The Body of God. An Ecological Theology* (Minneapolis: Fortress Press, 1993).



fundadoras. O corpo não pode ser desprezado, pois ele é um templo de Deus e porque os corpos humanos ressuscitarão no fim dos tempos.

Sallie denuncia o dualismo entre corpo e espírito, considerando-o como algo que herdamos da tradição platônica. Também censura o desprezo pelo corpo, presente em algumas orientações cristãs, interpretando este desprezo como uma das doenças da nossa cultura. À semelhança de teses defendidas na Encíclica *Laudato Si'*, McFague sustenta que tudo está ligado, que tudo tem que ver com tudo. Por isso combate determinadas visões do corpo, tais como o mecanicismo e o atomismo, propondo-se defender uma perspectiva holística e orgânica. Para ela o Universo é o Corpo de Deus, uma tese que nos leva a partilhar com Ele a responsabilidade e o cuidado do mundo, seja ele humano ou não humano. Deus é simultaneamente imanente e transcendente, Ele é a respiração e o espírito que dá vida aos diferentes corpos: «Somos parentes afastados das estrelas e primos próximos dos oceanos, das plantas e das outras criaturas terrenas.»<sup>11</sup>

As necessidades dos diferentes corpos (e do nosso corpo) orientam a ação humana. Falar do corpo de Deus não significa que este corpo seja masculino. Há que atribuir a Deus (metaforicamente) características femininas e masculinas, pois Deus é Pai, mas também é Mãe. Por isso a teóloga substitui a metáfora do Deus arquiteto pela de um Deus Pai e Mãe de toda a humanidade. A ação deste Deus Pai/Mãe manifesta-se no cuidado, na compaixão e no amor gratuito. Uma ética ecológica é holística e respeita o valor intrínseco de todos os corpos do planeta. O pecado é o mau uso dos seres criados, é a recusa de aceitarmos o nosso lugar no mundo. A natureza hoje está doente e o processo salvífico passa pela sua cura. Para McFague a solidariedade cósmica coloca-se em duas vertentes: a luta contra a opressão e a partilha do sofrimento dos mais desfavorecidos.

---

<sup>11</sup> «We are distant relatives to the stars and kissing cousins «with the oceans, plants and other creatures of the earth»: McFague, *The Body of God. An Ecological Theology*, 27.

Não podemos ver Deus diretamente, mas Ele manifesta-se no mundo, na beleza dos existentes que cantam a sua glória. O mundo caminha para uma catástrofe ecológica. O sentimento de pertença à Terra é o começo de uma piedade natural. Para McFague a encarnação dá-se em todo o Universo e não apenas em Cristo. A encarnação divina na pessoa de Cristo levanta problemas a outras religiões e a teóloga interessa-se pelo Cristo cósmico que alarga a salvação a todo o Universo. O modelo orgânico está presente no ministério de Jesus, revelando-se no papel que Ele dá aos alimentos.

Deus é uma espécie de respiração, de sopro que tudo vivifica<sup>12</sup>. O Espírito Santo é a fonte renovadora da vida, por isso devemos substituir o modelo de produção pelo de manifestação – a espiritualidade desenvolve-se vendo Deus nas coisas, como corpo das mesmas. É verdade que os humanos são a parte reflexiva da criação, o que não justifica que possamos esquecer as outras partes. Não somos donos da Terra e, como tal, deveríamos substituir o ideal de democracia pelo de «biocracia» (*biocracy*)<sup>13</sup>.

A cristologia defendida por McFague exalta o princípio da solidariedade e estende-o a todas as criaturas do planeta. A Igreja deveria anunciar este novo paradigma, exigindo aos cristãos um papel militante na agenda planetária. A agenda planetária que esta teóloga nos apresenta convida-nos a transformar o real. E a teóloga usa a metáfora feminina da colcha (*quilt*) que se vai tecendo e que nos oferece a possibilidade de costurar uma espécie de *patchwork*, juntando pedaços, esbatendo dicotomias, anulando soluções que não prestam e recuperando outras que se encaixam nessa manta. O resultado é o entrelaçar da filosofia com a teologia, com a ecologia, com a ciência contemporânea e com a cristologia. Para ela, todos somos cidadãos e cidadãs do Universo, do qual somos responsáveis. E Deus precisa da nossa ajuda.

---

<sup>12</sup> Lembro uma conversa tida com o meu antigo professor e agora colega Padre franciscano Joaquim Cerqueira Gonçalves que, ao falar-me das suas férias no campo, me dizia que os pássaros que ouvia a cantar estavam a louvar a Deus.

<sup>13</sup> McFague, *The Body of God. An Ecological Theology*, 109.

## 6. Alicia Puleo e a vertente sociopolítica

No seu livro *Ecofeminismo: para otro mundo posible*<sup>14</sup>, Alicia Puleo lembra-nos que as dificuldades levantadas aos diferentes feminismos por parte da sociedade foram retomadas e refeitas no plano da ecologia. Para esta filósofa a crítica feminista tem muito a oferecer a uma cultura ecológica da igualdade. E por isso escreve: «O feminismo ensinou-nos a pensar como político o que nos parecia natural.»<sup>15</sup>

No problema ecológico, tal como atualmente se coloca, temos de incluir a opressão das mulheres. No ecofeminismo clássico as mulheres assumiam a sua identificação com a natureza. É uma posição não isenta de perigos, pois pode ser aproveitada pelo discurso patriarcal que relega as mulheres para as éticas do cuidado. É perigoso entender as mulheres como essencialmente cuidadoras e ainda o é mais se estabelecermos uma dicotomia entre as éticas do cuidado e as éticas da justiça, como se fossem visões opostas. Na perspetiva de Puleo, a valorização do cuidado não o separa da justiça, pois trata-se de duas atitudes complementares. O facto de se ser mulher não implica uma sintonia com a natureza, defender a natureza não é uma consequência automática de se ser mulher, pois há mulheres destruidoras do planeta. Note-se, no entanto, que há muitas doenças femininas provocadas pela deterioração do meio ambiente, doenças essas que têm grande peso nas mulheres trabalhadoras.

Alicia Puleo propõe-nos uma reelaboração do conceito de cidadania, falando-nos de uma cidadania ambiental que exigiria a inclusão de novos direitos ambientais nas constituições dos diferentes países. Fala-nos também de uma cidadania ecológica que atende aos deveres não contratuais ligados à sustentabilidade. Essa sustentabilidade diz respeito ao futuro e implica uma atenção aos recursos naturais que usamos para manter o nosso estilo de vida.

As obrigações de uma cidadania ecológica são assumidas maioritariamente pelo coletivo feminino, pois são as mulheres que desempenham

---

<sup>14</sup> Alicia Puleo, *Ecofeminismo. Para otro mundo posible* (Valencia: Ediciones Cátedra, 2018).

<sup>15</sup> Puleo, *Ecofeminismo. Para Otro Mundo Possible*, 17.

a maior parte das tarefas domésticas. Há que reconhecer a importância económica, social e política das tarefas atribuídas às mulheres. São tarefas indispensáveis para a sobrevivência das famílias, como é o caso de assegurar a economia doméstica e de tomar conta das crianças, dos doentes e dos velhos. Nestes campos, as mulheres são trabalhadoras sem horário e sem salário. As donas de casas são empregadas não remuneradas e as tarefas que desempenham possibilitam outras, mais prestigiantes e mais visíveis. Na sociedade futura há que superar o perfil masculino do posto de trabalho e reconhecer que a mulher trabalhadora tem uma dupla ou tripla jornada laboral. Urge relevar o trabalho de manutenção da vida realizado pelas mulheres. O ecofeminismo valorizou os conhecimentos das mulheres sobre os ecossistemas, algo que os economistas tendiam a ignorar ou mesmo a desprezar.

Tal como Vandana Shiva, Alicea Puleo contesta a tese de que os alimentos transgénicos salvam os países pobres da miséria. Hoje o progresso não pode ser definido como crescimento constante, mas sim como avanço para uma cultura de paz que permite a todos o acesso aos bens materiais. Um estado de «bem-estar verde» deverá atender aos produtores ecológicos com redes de comércio justo. Puleo fomenta uma educação ambiental não androcêntrica e pretende promover um consumo responsável, obedecendo à regra dos 3 R, ou seja, reduzir, reutilizar e reciclar. Só se tem valorizado o trabalho produtivo e têm-se silenciado outras alternativas, como, por exemplo, as opções vegetarianas, a defesa dos direitos dos animais, a oposição aos transgénicos e a promoção da *slow food*. Urge promover uma educação ambiental transdisciplinar, que alie à informação de conhecimentos científicos a promoção de atitudes de compaixão, solidariedade e empatia pela Terra. A solidariedade implica uma justiça distributiva, bem como o reconhecimento das minorias. Há que levar a sério a nossa responsabilidade pelas gerações futuras, tomando como lema para o nosso século a defesa da liberdade, da igualdade e da sustentabilidade.

## Bibliografia

- Biehl, Janet. *Rethinking Ecofeminist Politics*. Boston: South End Press, 1991.
- Birkeland, Janis. «Ecofeminism: Linking Theory and Practice.» In *Ecofeminism: Women, Animals, Nature*, ed. Greta Gaard, 13-59. Filadélfia: Temple University Press, 1993.
- D'Eaubonne, Françoise. *Le Féminisme ou la mort*. Paris: Pierre Horay, 1974.
- Francisco, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' . Sobre o cuidado da casa comum*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- Gebara, Ivone. *Mulheres, religião e poder*. S. Paulo: Terceira Via, 2017.
- McFague, Sallie. *The Body of God. An Ecological Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- Puleo, Alicia. *Ecofeminismo. Para otro mundo posible*. Valencia: Ediciones Cátedra, 2018.
- Shiva, Vandana. *Staying Alive: Women, Ecology and Survival*. Londres: Zed Books, 1989.
- Shiva, Vandana, e Maria Mies. *Ecofeminism*. New Jersey, Atlantic Highlands: Zed Books, 1993. Tradução portuguesa *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1993.
- Shiva, Vandana. *Earth Democracy. Justice, Sustainability and Peace*. Cambridge: Massachusetts, 2005.

Artigo submetido a 08.04.2022 e aprovado a 10.07.2022.



